



TRABALHADORAS RURAIS: RELAÇÕES DE TRABALHO E PERCEPÇÕES SOBRE EVENTOS VIOLENTOS

RURAL WORKERS: WORK RELATIONSHIPS AND PERCEPTIONS ON VIOLENT EVENTS

TRABAJADORES RURALES: RELACIONES DE TRABAJO Y PERCEPCIONES SOBRE EVENTOS VIOLENTOS

Vitória de Barros Siqueira¹, Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira², Maria Auricélia da Silva Siqueira³,
Emanuela de Araújo Nascimento⁴

RESUMO

Objetivos: discutir a participação de trabalhadoras rurais na fruticultura irrigada do Vale do Submédio São Francisco e verificar a percepção delas acerca do fenômeno da violência. **Método:** estudo descritivo, de abordagem quantitativa, realizado por meio de entrevista semiestruturada aplicada a 90 trabalhadoras rurais. Os dados foram tratados à luz da estatística descritiva e apresentados por meio de frequências absoluta e relativa, bem como ilustrados por meio de fragmentos do discurso das participantes. **Resultados:** a média de idade das entrevistadas foi de 34,16 anos, 51,11% estudaram até o ensino fundamental incompleto, 81% foram admitidas a partir de contratos temporários e 48,78% possuíam outra ocupação para complementar a renda. A maioria (42,22%) só considera como violência eventos que deixam marcas corporais. **Conclusão:** a fruticultura é um campo de trabalho muito importante para as mulheres da região. A naturalização da violência desponta como grave problema de saúde para essa população. **Descritores:** Trabalho Feminino; Violência; Violência Contra a Mulher.

ABSTRACT

Objectives: to discuss the participation of rural workers in irrigated fruit production in the Sub-low São Francisco Valley, and to verify the perception of rural women about the phenomenon of violence. **Method:** this is a descriptive study with a quantitative approach conducted through a semi-structured interview applied to 90 rural workers. The data were treated based on the descriptive statistics and presented through absolute and relative frequencies as well as illustrated through fragments of the participants' discourse. **Results:** the average age of the interviewees was 34.16 years old, 51.11% studied until incomplete elementary school, 81% were admitted from temporary contracts, 48.78% had another occupation to supplement the income. Most of them (42.22%) only consider violence, the events with body marks. **Conclusion:** fruticulture is a very important area of work for women in the region. The naturalization of violence emerges as a serious health problem for this population. **Descriptors:** Violence; Women Working; Violence Against Women.

RESUMEN

Objetivos: discutir la participación de trabajadoras rurales en la fruticultura irrigada del Valle de Sub-medio São Francisco, y verificar la percepción de las trabajadoras rurales acerca del fenómeno de la violencia. **Método:** estudio descriptivo, de enfoque cuantitativo, realizado por medio de entrevista semi-estructurada aplicada a 90 trabajadoras rurales. Los datos fueron tratados basados en la estadística descriptiva y presentados por medio de frecuencias absoluta y relativa así como ilustrados por medio de fragmentos del discurso de las participantes. **Resultados:** la media de edad de las entrevistadas fue de 34,16 años, 51,11% estudió hasta la enseñanza fundamental incompleta, 81% fueron admitidas a partir de contratos temporarios, 48,78% poseen otra ocupación para complementar la renta. La mayoría (42,22%) solamente considera como violencia eventos que dejan marcas corporales. **Conclusión:** la fruticultura es un campo de trabajo muy importante para las mujeres de la región. La naturalización de la violencia es vista como grave problema de salud para esta población. **Descritores:** Violencia; Trabajo de Mujeres; Violencia Contra la Mujer.

¹Enfermeira, Professora Mestre, Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF. Petrolina (PE), Brasil. E-mail: vitória_barros16@hotmail.com; ²Professora Doutora, Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF. Petrolina (PE), Brasil. E-mail: luciamarisy@uol.com.br; ³Pedagoga, Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro-BA. Juazeiro (BA), Brasil. E-mail: mariaauriceliaprof@gmail.com; ⁴Enfermeira (egressa), Universidade de Pernambuco/UPE. Petrolina (PE), Brasil. Email: emanuela1410@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Vale do São Francisco é denominação de uma área geográfica brasileira que permeia os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Alagoas, e a maior parte de sua extensão acompanha o rio São Francisco com uma área de aproximadamente 640 mil km², compreendendo 900 municípios e uma população de 17 milhões de pessoas. A sua vasta extensão foi dividida em sub-regiões denominadas alto, médio, submédio e baixo do rio São Francisco para delimitar também áreas produtivas da agricultura irrigada.¹

O Submédio São Francisco representa o território no qual as obras de irrigação tiveram maiores repercussões sobre as economias locais. É nessa região que fica localizado o município de Petrolina/PE e um conjunto de mais 9 municípios ao seu entorno, possuindo cerca de 120 mil hectares irrigados, sendo uma das principais áreas de exploração e exportação da hortifruticultura irrigada do país, tendo mais de 51% da sua população economicamente ativa empregada na agricultura. Na região também se faz presente a cultura do plantio em sequeiro, onde os agricultores cultivam plantas típicas do semiárido ou perfeitamente adaptadas a essa condição climatológica e geográfica com o uso parcimonioso de água associada geralmente à caprinocultura.²

A fruticultura é a atividade econômica baseada na produção de frutas com a finalidade de abastecer o mercado interno, externo ou subsistência. As fruteiras são exigentes em condições climáticas, edafopedológicas e de irrigação. O Vale do São Francisco de forma geral apresenta condições propícias ao desenvolvimento dessas culturas, no entanto o principal empecilho para o sucesso era a falta de água constante. Esse problema foi resolvido com a implantação dos polos irrigados pelos órgãos governamentais alterando a situação que perdurava por várias décadas.³

Desde a década de 1990, o mercado externo passa a ser o alvo mais cobiçado dos produtores. A evolução econômica do Submédio do São Francisco, associada ao contexto da agricultura, influenciou todo o quadro comportamental dos grupos sociais dessa região, situação esta diretamente ligada às contratações para os empregos que foram gerados. Diante da possibilidade de ocupação ampliada, principalmente na produção de uva de mesa, as mulheres alcançam espaço para o seu fortalecimento como categoria de trabalhadoras ocasionando mudanças

significativas no modo como se relacionavam dentro e fora do espaço doméstico.⁴

Violência contra a mulher é um problema social e de saúde pública, que não respeita fronteiras de classe social, raça/etnia, religião e idade. Todas as mulheres correm risco de sofrer violência, no entanto alguns grupos parecem estar mais vulneráveis a esses agravos e as mulheres inseridas em contextos rurais fazem parte dessa população de maior risco.⁵

A inserção das mulheres no contexto da fruticultura irrigada, em trabalhos essencialmente braçais, levanta a indagação sobre as condições de vida e padrões de violência sofridos por estas durante suas trajetórias, sendo a violência contra a mulher um fenômeno complexo que repercute em todas as áreas de suas vidas direta ou indiretamente.⁶

Sendo assim, os objetivos deste estudo são:

- discutir a participação de trabalhadoras rurais na fruticultura irrigada do Vale do Submédio São Francisco;
- verificar a percepção das trabalhadoras rurais acerca do fenômeno da violência.

MÉTODO

Estudo descritivo, de abordagem quantitativa, realizado por meio de entrevista semiestruturada aplicada a 90 trabalhadoras residentes na cidade de Petrolina (PE), Brasil, integrantes do Programa do Governo do Estado - Chapéu de Palha, durante o período da entressafra (entre os meses de julho e agosto de 2013), como também mulheres trabalhadoras de uma grande fazenda de exportação da cidade (entre setembro e novembro de 2013). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com prévio consentimento; em seguida, codificadas de 01 a 90 de acordo com a disposição cronológica.

O tamanho da amostra foi calculado com o objetivo de estimar a prevalência da violência contra as trabalhadoras rurais, aceitando-se um erro de estimação de 5% e um nível de confiança de 95%. Admitindo-se que, segundo a literatura especializada, a prevalência esperada de violência de gênero pode chegar a 40%, o tamanho da amostra foi de 90 mulheres.

Os dados quantitativos obtidos por questionários foram tabulados e analisados à luz da estatística descritiva através do *software* estatístico gratuito Epi Info, versão 3.5.2, 2009. Por fim, os resultados produzidos foram apresentados através de frequências absoluta e relativa. Foram selecionados

trechos das entrevistas para compor a apresentação final dos dados.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas - (CEDEP) da Universidade Federal do Vale do São Francisco, em 04 de junho de 2013, sob o número de protocolo 0018/040613 CEDEP/UNIVASF.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A média de idade entre as entrevistadas foi de 34,16 anos, com variação entre 18 e 63 anos de idade. A maioria destas (51,11%) estudou até o ensino fundamental incompleto; 60% declararam-se pardas, 72,2% católicas, 38,88% das mulheres possuíam união estável, sendo que 80% delas afirmaram ter um parceiro íntimo. Tal perfil é compatível com os dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Segundo o censo do IBGE de 2010, a cidade de Petrolina possuía uma população de 293.962 habitantes, sendo 150.710 mulheres, estando 30% destas dentro da faixa etária de 15 a 49 anos de idade. Ainda segundo estes dados, em 2011, cerca de 63,9% das mulheres ocupadas tinham entre 25 e 49 anos de idade.⁷

Em se tratando de vínculo empregatício, 81% das trabalhadoras rurais entrevistadas eram admitidas a partir de contratos temporários com vigência, apenas, durante o período de colheita das frutas conhecido como safra, em que a demanda por trabalhadores é muito grande estendendo-se até o embalo da fruta.

Durante o período da entressafra, algumas fazendas chegam a reduzir em até 80% o número de trabalhadores. Esse período, que compreende normalmente os meses de abril e maio, acaba sendo crítico para muitas mulheres que ficam sem emprego formal.⁴

Dessa forma, quando questionadas sobre a época da entressafra, 48,78% afirmaram possuir outra ocupação de forma a complementar a renda, sendo que a maioria está envolvida em trabalhos de cunho doméstico, como faxinas, lavagem de roupas, cuidado de crianças e idosos etc.

Enfatizando a divisão sexual do trabalho, as atividades de homens e mulheres estão divididas por um viés de gênero, segundo a exigência de maior ou menor dispêndio de energia física; adentram nesse contexto as representações de masculinidade e feminilidade que segundo o consenso geral às mulheres requerem tarefas “leves”, como raleio, e outras na colheita e pós-colheita. Aos homens competem a implantação do

parreiral, pulverização, poda, amarrio, pós-poda e serviços mecanizados em geral.⁴

De tal concepção surge a predileção pela mão de obra feminina para a colheita e raleio da uva, assim como para o embalo das frutas no *Packing House* por serem estas consideradas mais cuidadosas e delicadas no manejo da fruta destinada à exportação.⁴

Como principal motivo para o ingresso no trabalho rural, 40% das trabalhadoras entrevistadas alega a falta de oportunidades em outras áreas e 36,66% necessidade financeira, 10% apontaram motivos como independência financeira e os 13,34% restantes relataram motivos diversos, como facilidade em arrumar emprego nesse setor, bem como a familiarização com o serviço, uma vez que sempre trabalharam nesse ambiente e não têm intenção de buscar outra coisa por gostar do que fazem, como evidenciam os fragmentos das entrevistas destacados abaixo:

Primeiro emprego com carteira assinada e fui me acostumando. (Entrevistada 05)

Nunca encontrei outra coisa mesmo tendo o segundo grau. (Entrevistada 17).

Eu me juntei muito nova e me separei cedo, tive que trabalhar para sustentar meus filhos. (Entrevistada 22).

Nasci e me criei na roça, gosto daqui. Até tentei outro (emprego), mas gosto daqui. (Entrevistada 34)

Quando perguntadas sobre o que é violência, a maioria das mulheres trouxe em seu relato apenas menção à violência física (42,22%) como resposta; 38,88% violência física e psicológica; 11,11% apenas psicológica; e 7,78% outras manifestações; situação esta que fica evidente nos fragmentos do discurso de algumas entrevistadas transcritos:

Violência é judiar das pessoas, bater. (Entrevistada 07)

Violência pra mim é um desastre, homem bater na esposa, filho matar pai, assaltar. (Entrevistada 12)

Violência é tudo né? Tirar a vida dos outros, marido bater na mulher, não respeitar, trair. (Entrevistada 21)

A maioria das mulheres entrevistadas (42,22%) só considera como violência eventos que causam dor física, que marcam o corpo. Assim, quando perguntadas se já sofreram algum tipo de violência durante sua vida, 43,33% responderam que sim, entretanto essa prevalência aumenta assustadoramente com o decorrer da entrevista, uma vez que diante de questionamentos direcionados para eventos violentos específicos, como castigos durante a infância, humilhações e xingamentos durante a idade adulta ou mesmo manter relações

sexuais contra a vontade, as mulheres narram histórias que as colocam como vítimas dessas situações, elevando para 78,88% a prevalência, quando se considera toda a vida, e 60% considerando apenas a idade adulta.

Por exemplo, quando questionada se já sofreu violência durante a vida, uma das participantes respondeu “não, nunca ninguém me bateu”, no entanto, durante o desenvolvimento da entrevista, revelou que no decorrer da sua infância a mãe a xingava e humilhava constantemente e que aos 9 anos de idade presenciou a mãe de uma colega de escola ser estuprada e assassinada em sua própria residência.

Minha mãe às vezes quando agente pedia algumas coisas ela dizia ‘vão se prostituir’, isso acontecia sempre, quando ela estava enraivada, até que eu saí de casa com 13 anos. (Entrevistada 26)

Quanto à percepção pelas mulheres dos fenômenos violentos em algum momento de suas vidas, inicialmente a prevalência é de 56,67%, porém, quando em situações direcionadas, esse número sobe para 78,88%. Estudo realizado com o objetivo de conhecer a magnitude da violência de gênero praticada contra trabalhadoras de restaurantes universitários em São Paulo (SP), Brasil, revelou que 70% das mulheres entrevistadas já sofreram algum tipo de violência.⁸

Existem mulheres que só consideram como violência atos que deixam sequelas físicas, como fraturas, hematomas, equimoses, queimaduras, abrandando, assim, os atos violentos que não deixam marcas corporais.⁸⁻⁹ Esse tipo de concepção acaba tornando-lhes mais vulneráveis aos tipos de violência que ferem a moral, a saúde mental e a alma. O próprio fato de não ter conhecimento acerca do assunto já se configura como uma violência, pois priva a mulher do direito a se defender daquilo que lhe faz mal.

CONCLUSÃO

As trabalhadoras rurais do Submédio Vale do São Francisco configuram-se como um grupo cheio de particularidades e nuances, uma vez que estão concomitantemente inseridas nos espaços urbano e rural. A exposição à violência é extremamente gritante e os eventos não podem ser considerados isolados, visto que essas mulheres participam de um ciclo de violência que se estende desde a infância até os relacionamentos conjugais e relações trabalhistas. Tal característica demonstra que a violência acaba por ser naturalizada por elas, o que aumenta ainda mais o risco para a

vitimização, ilustrando a situação de vulnerabilidades desse grupo.

Expor o problema tem seu valor na medida em que o fenômeno passa a ser conhecido, comentado e debatido de modo a gerar possíveis métodos para sanar ou ao menos minimizar a problemática. Dessa forma, espera-se que o conhecimento aqui contido seja traduzido em benefícios para a comunidade. A possibilidade de dar voz a mulheres tão pouco ouvidas já traz bastante mérito ao esforço desempenhado.

REFERÊNCIAS

1. Xavier LF, Costa RF, Costa EF. Adoção de tecnologias poupadoras de água na fruticultura irrigada do Vale do São Francisco: uma comparação entre percepções de colonos e empresas. Rev Econ Sociol Rural [Internet]. 2006 [cited 2015 Feb 15];44(2):219-41. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/resr/v44n2/a04v44n2.pdf>
2. Bedor NGB, Ramos LO, Pereira PJ, Rêgo MAV, Pavão AC, Augusto LGS. Vulnerabilidades e situações de riscos relacionados ao uso de agrotóxicos na fruticultura irrigada. Rev bras epidemiol [Internet]. 2009 Mar [cited 2014 Jan 10];12(1):39-49. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v12n1/05.pdf>
3. Leão ELS, Moutinho LMG. O arranjo produtivo local de fruticultura irrigada do Vale do Submédio do São Francisco como objeto de política. Rev Race [Internet]. 2014 Sept-Dec [cited 2015 Feb 15];13(3): 829-58. Available from: http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race/article/viewFile/4611/pdf_52
4. Cavalcanti JSB, Andrade BBF, Rodriguesv. Mulheres e trabalho na agricultura de exportação: questões atuais. Rev Anthropol [Internet]. 2012 [cited 2014 Jan 10];23(1):67-88. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/articleviewFile/245/167>.
5. Adeodato VG, Carvalho RR, Siqueira VR, Souza FGM. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. Rev Saúde Pública [Internet]. 2005 Jan [cited 2014 Jan 19];39(1):108-13. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n1/14.pdf>
6. Siqueira VB. Gender based violence: a social phenomenon of interdisciplinary approach. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2016 Jan [cited 2016 June 08];10(1):179-84. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage>

m/index.php/revista/article/view/6816/pdf_9380

7. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (BR) [Internet]. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Censo demográfico 2010: resultados do universo indicadores sociais municipais; 2011 [cited 2014 Jan 10]. Available from: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=261110&idtema=79>

8. Venancio KCMP, Fonseca RMGS. Women working at university restaurants: life and work conditions and gender-based violence. Rev esc enferm USP [Internet]. 2013 Oct [cited 2014 Jan 10];47(5):1016-1024. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n5/0080-6234-reeusp-47-05-1016.pdf>

9. Cavalcanti CO, Medeiros CMR, Vale SLL, Souza LC, Junqueira CCS. Terms of violence experienced by women attended at a unit of health of integrated family. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 May [cited 2016 June 08];7(5):1412-20. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/m/index.php/revista/article/view/4582/pdf_2542

Submissão: 27/07/2016

Aceito: 08/03/2017

Publicado: 01/04/2017

Correspondência

Vitória de Barros Siqueira
Universidade Federal do Vale do São Francisco
Colegiado de Enfermagem
Av. José de Sá Manicoba, s/n
Bairro: Centro
CEP: 56304-917 – Petrolina (PE), Brasil